

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS
UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE URUAÇU- GO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA

Natália Bruna de Souza Lourenço

**PRECONCEITO LINGUÍSTICO: COMO OS PROFESSORES LIDAM COM
ESSA QUESTÃO EM SALA DE AULA**

Uruaçu / GO

2019

Natália Bruna de Souza Lourenço

**PRECONCEITO LINGUÍSTICO: COMO OS PROFESSORES LIDAM COM
ESSA QUESTÃO EM SALA DE AULA**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado a Universidade
Estadual de Goiás, Unidade
Universitária Câmpus Uruaçu – GO,
para a obtenção do grau de
Graduada no curso de Pedagogia,
sob a orientação da Professora
MSc.: Cirlene Pereira dos Reis
Almeida.

Uruaçu /GO

DEZ./ 2019

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS
UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE URUAÇU- GO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA

LOURENÇO, Natália Bruna

Preconceito linguístico: como os professores lidam com essa questão em sala de aula

Natália Bruna de Souza Lourenço – Uruaçu Goiás. p.34

Monografia — Licenciatura Plena em Pedagogia.

Universidade Estadual de Goiás (UEG), Uruaçu, GO, 2019.

Orientadora: Professora MSc. Cirlene Pereira dos Reis Almeida.

1. Compreendendo o Preconceito Linguístico. **2.** Universidade Estadual de Goiás (UEG). Licenciatura Plena em Pedagogia.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE URUAÇU
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA

FOLHA DE APROVAÇÃO

TÍTULO DA MONOGRAFIA: PRECONCEITO LINGUÍSTICO: COMO OS
PROFESSORES LIDAM COM ESSA QUESTÃO EM SALA DE AULA

NATÁLIA BRUNA DE SOUZA LOURENÇO

Monografia Apresentada à Banca Examinadora em ____ / ____ / 2019.

BANCA EXAMINADORA:

CIRLENE PEREIRA DOS REIS ALMEIDA
Prof.^a MSc. - Orientadora da Monografia

CLAUDIA REGINA VASCONCELOS BERTOSO LEITE
Prof.^a MSc.- UEG- Arguidora - Membro da Banca

JOSCELINA BORGES DE OLIVEIRA SANTANA
Prof.^a Especialista – Arguidora - Membro da Banca

URUAÇU-GO

2019

Agradecimentos

Quero aqui agradecer a Deus em primeiro lugar que não só me sustentou até aqui, mais ainda me deu a oportunidade de ter o dom da vida para concluir este propósito ao qual sei que foi todo traçado e projetado por ele.

A minha mãe que imprescindivelmente lutou com unhas dentes para que esse dia chegasse, ela é muito incrível, as minhas tias que se fizeram sempre presentes nos dias difíceis, em especial a tia Alzira por me colocar no colo quando já não tinha forças pra andar, a minha família é muito maravilhosa, ao tio Carlos e meu avô que foi um pai durante minha infância.

Aos professores da UEG por compartilharem comigo os seus saberes em especial a Rúbia Guerra que não só compartilhou saberes acadêmicos, mas saberes da vida e esteve comigo em momentos que nunca imaginei.

Agradeço a minha orientadora Cirlene Almeida, que além de profissional é de uma humanidade linda, grata pela paciência e perseverança comigo, obrigada por não desistir de mim e do meu sonho.

Obrigada à banca que na qualificação somou para a execução deste trabalho fazendo com que ele tivesse excelência.

Agradeço a todos que me ajudaram direta e indiretamente, e por ultimo e não menos importante, a mim mesma, porque sinceramente não foi fácil, mas também não desisti de mim e para honra e glória venci.

Se tantas pessoas inteligentes e cultas continuam achando que 'não sabem português' ou que 'português é muito difícil' é porque esta disciplina fascinante foi transformada numa 'ciência esotérica', numa 'doutrina cabalística' que somente alguns 'iluminados' (os gramáticos tradicionalistas!) conseguem dominar completamente.

Marcos Bagno

RESUMO

A pesquisa desenvolvida tem o objetivo de fazer uma reflexão sobre o preconceito linguístico e de mostrar como os professores devem lidar com essa questão no contexto da sala de aula. A metodologia utilizada foi a pesquisa bibliográfica. Para tanto, fez-se uma busca em livros e artigos físicos e virtuais. Os resultados apontaram o seguinte: o preconceito linguístico é uma forma de discriminação social que consiste em julgar o indivíduo pela forma como ele se comunica, seja oralmente, ou por escrito. É aceitável que haja diferenças. O que não deve ocorrer é a escolha de uma dessas variantes como sendo considerada a correta e todas as outras serem consideradas erradas ou inferiores. Como essa “língua correta” é a ensinada nas escolas e utilizada nos centros de maior importância econômica, você pode imaginar como o preconceito vai muito além da língua.

Palavras-chaves: Diversidade Cultural. Preconceito Linguístico. Língua. Fala. Pluralidade.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	08
2. BREVE ESTUDO DIACRÔNICO SOBRE A LÍNGUA PORTUGUESA.....	11
3. PRECONCEITO LINGUÍSTICO: O QUE E COMO SE DÁ.....	14
3.1. As concepções de linguagem e o ensino de língua.....	16
3.2 O conceito de erro: a fala e a escrita e o ensino da língua portuguesa.....	17
4. O PRECONCEITO LINGUÍSTICO NO CONTEXTO ESCOLAR: ATITUDES E POSTURAS DO PROFESSOR.....	22
5.METODOLOGIA.....	25
5.1 Análise e Discussão dos Dados.....	26
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	29
REFERÊNCIAS.....	31
ANEXOS.....	34

1. INTRODUÇÃO

Segundo Bagno (1999), em sua obra “Preconceito Linguístico: o que é e como se faz”, o preconceito linguístico é algo que se faz presente, dado a grande diversificação linguística existente em um só idioma, logo está ligado às diferenças regionais, linguagem peculiar de cada região como gírias, sotaques que estão vinculados aos aspectos culturais da mesma.

Esse tipo de preconceito tem tomado grande proporção nos últimos tempos e mais com o acelerado desenvolvimento do país em que as coisas evoluem muito mais rapidamente do que há vinte anos.

O Brasil recebeu como herança dos colonizadores, a Língua Portuguesa e hoje, segundo o IBGE, (2015)- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, mais de 200 milhões de brasileiros falam esse idioma, já temperado com dezenas de variedades, o que enriquece nossa língua há 512 anos. No entanto, muitas coisas mudaram nesses cinco séculos, e a Língua Portuguesa ganhou novas palavras, perdeu outras, por ocasião de desuso, e recebe constantemente a influência dos empréstimos linguísticos de outras culturas. Porém, um país com dimensões continentais e com tamanha diversidade cultural, é acometido também por diferenças marcantes que vão desde as diferentes classes sociais até àquelas ligadas às relações étnico-raciais.

Portanto, seria impossível que não existissem variações que acompanhassem essa evolução da sociedade, sobretudo, da língua, e daí o surgimento das mais diversas variedades linguísticas, tal como aconteceu com a Língua Portuguesa, que surgiu depois de inúmeras reformulações do Latim. Atualmente, é nas escolas que podemos notar uma ocorrência mais acentuada desse fenômeno, principalmente, nos anos iniciais de escolaridade, uma vez que os estudantes trazem uma bagagem linguística bem mais recheada dessas variedades, e é nessa fase que se tem o primeiro contato com a língua padrão.

É nesse período que o docente se vê em conflito com seu saber e sua prática, realizando intervenções que podem ser desrespeitosas e preconceituosas em relação às variações linguísticas. É necessário que esses docentes possam entender que falar diferente da norma considerada “padrão” não é errado, tal como discute Bagno

Nesse contexto, o professor de língua portuguesa deve estar atento no sentido de que precisa de um aparato teórico-prático amplo, precisa saber da existência de uma língua presente nas gramáticas tradicionais e de outras variantes que por terem esse

status, não se tornam inferiores às demais. A língua varia historicamente, geograficamente, etariamente, socioculturalmente, estilisticamente.

Celso Cunha (2008), em sua *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, afirma que todas as variedades linguísticas são estruturadas, e correspondem a sistemas e subsistemas adequados às necessidades de seus usuários. Mas o fato de estar a língua fortemente ligada à estrutura social e aos sistemas de valores da sociedade conduz a uma avaliação distinta das características das suas diversas modalidades regionais, sociais e estilísticas. A língua padrão, por exemplo, embora seja uma entre as muitas variedades de um idioma, é sempre a mais prestigiosa, porque atua como modelo, como norma, como ideal linguístico de uma comunidade. Do valor normativo, decorre a sua função coercitiva sobre as outras variedades, com o que se torna uma ponderável força contrária à variação

Em decorrência da problemática apresentada acima, surge a pergunta de pesquisa: como os professores lidam com a variação linguística no contexto da sala de aula?

Como objetivo geral elegeu-se o seguinte: Investigar como os professores do ensino básico lidam e trabalham com o preconceito linguístico na sala de aula.

Em relação aos objetivos específicos são os seguintes: fazer um levantamento bibliográfico acerca do preconceito linguístico; trazer à baila as principais concepções de língua adotadas por teóricos, gramáticos e linguistas; mostrar, a partir de uma pesquisa bibliográfica em artigos, livros físicos e virtuais como professores do ensino básico lidam e como trabalham com o preconceito linguístico em sala de aula.

Espera-se que este trabalho contribua para reflexão das consequências que a forma de tratamento dada à diversidade linguística principalmente nas escolas, pode colaborar ou não para perpetuar o preconceito.

O primeiro capítulo do trabalho introduz o que será estudado e analisado acerca do tema proposto, faz uma breve explicação do por que e como será conduzido a partir de então.

O segundo capítulo intitulado “Breve Estudo Diacrônico Sobre a Língua Portuguesa” visa mostrar como foi dado o estudo da língua portuguesa e como se desenvolveu através dos anos, como surgiu e principais influências precursoras.

O terceiro capítulo, intitulado “Preconceito Linguístico: O que é como se dá” mostra com dados bibliográficos como o preconceito linguístico está presente desde os primórdios, onde há estudos sobre o tema, concepções da língua e do que se trata realmente e como é definido o “erro” dentro da fala.

Em sequência, está o foco do trabalho “O Preconceito Linguístico no Contexto Escolar: Atitudes e Posturas do Professor”, aqui aprofundamos mais sobre o assunto no âmbito escolar e como se dá a relação professor aluno, e se existe o preconceito em sala, como isso pode afetar o indivíduo.

Logo em seguida, discute-se tudo o que foi visto através da “Análise e Discussão de Dados”, uma conversa escrita com os autores que fundamentaram esse trabalho, é possível ver as diversas linhas de discursos feitos em volta ao tema, tornando o trabalho mais rico.

Chegamos às “Considerações Finais” de tudo que foi lido e proposto no período de pesquisa para obtenção de maior conhecimento e fundamento do tema e em sequência o Referencial Teórico.

2. BREVE ESTUDO DIACRÔNICO SOBRE A LÍNGUA PORTUGUESA

A língua portuguesa teve origem do latim, assim como outras línguas românticas (línguas neolatinas), no início, especulava-se a semelhança entre o latim e o grego, no entanto, os estudos anteriores ao século XIX tinham dados muito vagos, descartando assim essa possibilidade direta.

Para que fique claro o percurso do latim para chegar ao que se tornou hoje em dia, é indispensável sabermos que a origem das outras línguas não se deu propriamente do latim chamado de clássico e sim do latim falado pela população geral conhecido como latim vulgar.

O latim era a língua falada na região central da Itália, chamada de Lácio, durante o primeiro milênio antes de Cristo e que, juntamente com o Império Romano, estendeu-se por grande parte da Europa, pelo norte da África e por diversas regiões da Ásia, até se transformar, através do curso natural das línguas, em dialetos incompreensíveis entre si, que acabaram dando origem às línguas românticas. (GONÇALVES; BASSO, p.21, 2010).

A evolução da língua passa por cinco períodos, sendo elas: Pré- romântico, originária do latim vulgar, língua oficial de Roma; Romântico, originadas das consequentes transformações do latim sendo substituído por dialetos, nessa fase acontece pluralização linguística; Galego Português, idioma instaurado na Espanha e permanece até o século XIV; Português Arcaico, usado entre os séculos XIII e XVI; e Português Moderno, que é a língua que usamos atualmente.

No Brasil, o processo de expansão territorial português levou a língua a continentes diferentes influenciando linguisticamente cada região, aqui possuímos várias palavras originárias dos índios ou negros (escravos), apresentamos uma diversidade imensa distinguindo-se da maioria dos países.

[...] a fase do português clássico engloba o período que vai de 1415 até 1572, coincidindo com o início das grandes navegações portuguesas e culminando com a publicação do épico Os Lusíadas. Em 1415, com a conquista de Ceuta, no norte da África, inicia-se um processo que levará o português para muitas regiões para além do mar, como o Brasil e vários territórios na costa da África, além da Índia e de outros territórios asiáticos. (GONÇALVES; BASSO, p.97, 2010).

Nesse período, ocorrem mudanças na língua, a ruptura do galego português acontece com a independência de Portugal, o contato com novas culturas causou um imenso impacto na língua portuguesa usada até então, importante ressaltar que o

enriquecimento do Português se faz até nos dias de hoje e estamos em constante evolução.

No ano de 1996, foi criada a CPLP (Comunidade de Países de Língua Portuguesa), a qual os países, Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné- Bissau, Moçambique, Príncipe, e São Tomé são integrantes, apesar de todos esses países serem integrantes dessa entidade, existem diferentes graus da língua e diferenças sintáticas entre elas.

É bem comum que essas divergências sejam entre as línguas locais de cada região, visto que há variações explicitadas através do meio social. A CPLP tem o importante papel social, econômico e político de aproximar, de certa forma, esses países do qual fazem parte.

Como bem entendemos, até então, a variação linguística abrange, de forma muito extensa, o território, segundo Rodrigues (1993, p. 91 apud Gonçalves; Bassos, 2010, p. 128) quando os portugueses desembarcaram no Brasil. Atualmente, considera-se que esse número tenha caído para apenas 180 – um testemunho triste do massacre da população indígena e da não conservação de sua cultura por vários séculos. Os dados sobre a população indígena e a chegada do Português na América também são alarmantes: estima-se que em 1500 havia de dois a seis milhões de habitantes nativos; atualmente, segundo a FUNAI (2005), esse número fica entre 350 e 400 mil.

Dizer que a Língua Portuguesa é, de certa forma, monocausal seria impossível, pois temos várias vertentes as quais a nossa língua percorreu para chegar aos dias de hoje, vivemos em constante evolução e mudanças que em vários momentos até recorrem ao início da nossa história, essa diacronia enriquece e nos traz informações de suma importância para tentar entender todo esse processo interessante da língua .

É perceptível que esse tema não tenha quase nenhum espaço para ser discutido, o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) acaba negligenciando a diacronia como tópico de ensino, mas percebemos que isso não pode continuar a ocorrer, visto que é fundamental para entendermos historicamente a língua, caminhamos a passos curtos porem significativos para a melhoria em relação a isso.

[...] a escola não pode ignorar as diferenças sociolinguísticas. Professores e alunos devem estar conscientes de que existem duas ou mais maneiras de dizer a mesma coisa. A escola deve incentivar o emprego criativo e competente do Português, contribuindo, assim, para o desenvolvimento de um sentimento de segurança em relação ao uso da língua. Essa postura respeitosa no trato das diferenças socioculturais e linguísticas é um compromisso dos professores. (COAN; FREITAG, 2010, p. 180).

O fato de a diacronia ser negligenciada cabe também ao fato da falta de referencia nos guias do PNDL, BNCC e PNC, a escassez nessa área é grande não dando possibilidades ao profissional de educação para trabalhar a mesma e a desenvolver.

3. PRECONCEITO LINGUÍSTICO: O QUE É COMO SE DÀ

O preconceito linguístico se trata das diferentes formas de falar a mesma língua, onde se discriminam as variações de sotaque, regionalidade, gírias e outros diferentes tipos de pronúncia, é qualificado esse tipo de preconceito qualquer julgamento que deprecie ou ofenda a forma que o indivíduo fale.

O Brasil é muito vasto e possui uma diversidade cultural imensa, com isso, é perceptível que cada região e cultura tenha suas peculiaridades e não seria diferente na fala, que independente disso é mutável e está constantemente se transformando até porque o dialeto tem a intenção de promover a comunicação entre pessoas.

Devido às normas que regem a Língua Portuguesa, pode ser que o início desse preconceito linguístico que, de certa forma, é arraigado a nós tenha se predisposto dessa perspectiva, porém é importante deixar claro que por mais que tenhamos normas, elas não agregam as culturas regionais, gírias, e faixa etária o que não pode ser considerado como errado.

A educação Brasileira vem sendo basicamente guiada por essa gramática normativa e dos principais e maiores meios de comunicação, causando diversos problemas entre o contexto real do Brasil, é necessário se atentar que, sim, a gramática normativa tem seu valor, mas não é a única ou mais importante pelo contrário, a inserção da diversidade deve ser pautada.

Com tudo isso, o que deve ser entendido é que essa ideia ultrapassada e arcaica de ter como correta apenas a língua normativa não pode continuar, a variante existe, precisa ser respeitada e compreendida, quais efeitos colaterais disso dentro de uma escola, e como isso pode retroceder no ensino da criança ou adolescente.

Marcos Bagno (1999, p. 166-167), afirma que é preciso “conscientizar-se de que todo falante nativo de uma língua é um usuário competente dessa língua, por isso, ele sabe essa língua”.

Com isso, podemos reforçar que a fala, mesmo que tenha sido instruída na gramática normativa tem um conhecimento inato da língua, mesmo que às vezes esse indivíduo não saiba manifestar tal conhecimento, isso pode ser comparado com o andar que é adquirido de forma tão natural que se torna imperceptível.

O fato é que, como a ciência linguística moderna já provou e comprovou, não existe nenhuma língua no mundo que seja uniforme e homogênea. O monolinguísmo é uma ficção. Toda e qualquer língua humana viva é, intrinsecamente e inevitavelmente, heterogênea, ou seja, apresenta variação em todos os seus níveis estruturais e em todos os seus níveis de uso social (BAGNO, 1999, p. 27-28).

Se colocarmos verdadeiramente como parâmetro inflexível a língua padrão, a desigualdade estará sendo exposta de forma explícita, visto que a nossa realidade ainda infelizmente tende a não oferta da tão sonhada educação de qualidade para todos, e com essa imposição preconceituosa ficamos à mercê da classe dominante dando poder ao lugar de fala a que impõe esses padrões.

Geralmente, os indivíduos não dominantes da língua padrão são excluídos de eventos de exposição aos quais normalmente alguns alunos são escolhidos para representar um grupo, isso acaba incitando a ideia de que o mesmo seja incapaz ou inferior, junto a isso a toda uma carga de classe social que advém da cultura e bagagem familiar.

Diante desse abismo social, não surpreende que muitos estudos empreendidos por diversos pesquisadores venham mostrando que os falantes das variedades linguísticas estigmatizadas têm sérias dificuldades em compreender as mensagens enviadas para eles pelo poder público, que serve exclusivamente da norma padrão. (BAGNO, 1999, p.30).

Os indivíduos sem prestígio social devem ser levados em conta para a formulação da grade curricular, é necessária a validação dos mesmos e reconhecimento da importância da sua etimologia cultural, a questão aqui não é a “aceitação” da diversidade, mas sim proporcionar o direito de reconhecimento das variantes existentes em nosso País.

O que está em jogo é a transformação da sociedade como um todo, pois enquanto vivermos numa estrutura social cuja existência mesma exige desigualdades sociais profundas, toda tentativa de promover a ascensão social dos marginalizados é, se não hipócrita e cínica, pelo menos de uma boa intenção paternalista e ingênua. (BAGNO, 1999, p. 91).

A afirmação acima só reforça, de maneira clara, a importância de transparecer essa realidade recorrente, o trabalho de inversão do que já está arraigado a nós não é fácil, é muito natural a crítica sem, muitas vezes, nem se dar conta do que aquilo significa, cultura preconceituosa está em nós, infelizmente, acontece até de desmerecermos a nós mesmos, menosprezando a nossa bagagem cultural e histórica, o preconceito com o outro é péssimo porém com nós mesmos é pior ainda, e acontece por diversas vezes.

As línguas fornecem também meios de constituição de identidade social. Por isso seria estranho, quando não ridículo, um velho falar como uma criança, uma autoridade falar como um marginal social, etc. Muitos meninos não podem usar a chamada linguagem correta na escola, sob pena de serem marcados pelas colegas, porque em nossa sociedade a correção é considerada uma marca feminina. As variações linguísticas são condicionadas por fatores internos da língua ou por fatores sociais, ou por ambos ao mesmo tempo. (POSSENTI, 1996, p.35).

A conscientização deve ter início desde cedo, para que seja feita a construção do aluno agregando valores ao que já vem de forma implícita no mesmo, o que muitas vezes é feita é a desconstrução causando problemas na aprendizagem da criança, é necessário que esse aluno seja incluso e mostrar-lhe que a cultura dele tem valor.

3.1 As Concepções de Linguagem e o Ensino de Língua Portuguesa

Como vimos até aqui, a questão da diversidade e concepção linguística nos leva a um patamar alto em linhagem de pensamento e vem gerando grandes discussões por ser um assunto que tem a dicotomia em ações, após muitas pesquisas e projetos desenvolvidos nota-se que o assunto tem ganhado maior lugar de destaque e importância, caminhando para que haja benefícios aos alunos.

Anteriormente discutimos sobre como o preconceito linguístico prejudica o desenvolvimento do aluno de forma significativa em todas as áreas, porém ocorre do próprio professor não conseguir identificar o método que desenvolve em sala, o que chama a atenção é que se não se sabe onde chegar não tem como trabalhar ser realizado com louvor, logo o profissional que não tem o conhecimento teórico embasado em estudos, infelizmente tende ao fracasso na aprendizagem do seu aluno.

As concepções foram definidas em três partes ao longo da história, a primeira diz respeito à Linguagem como Expressão do Pensamento, mais conhecida como a tradução do pensamento pois, nessa concepção, acredita-se que segundo Travaglia (1997: 21), o fenômeno linguístico é reduzido a um ato racional, “a um ato monológico, individual, que não é afetado pelo outro nem pelas circunstâncias que constituem a situação social em que a enunciação acontece”. Acredita-se que a língua é algo pronto e acabado e não tem interferência do meio social.

A segunda concepção é Linguagem como Instrumento de Comunicação, mais caracterizada por ser a concepção de sinais como meio de comunicação, porém os indivíduos envolvidos no diálogo devem estar doutrinados à mesma formação.

Essas afirmações são ratificadas por Travaglia (1997:22), que expõe:

Essa concepção levou ao estudo da língua enquanto código virtual, isolado de sua utilização - na fala (cf. Saussure) ou no desempenho (cf. Chomsky). Isso fez com que a Linguística não considerasse os interlocutores e a situação de uso como determinantes das unidades e regras que constituem a língua, isto é, afastou o indivíduo falante do processo de produção, do que é social e histórico na língua. Essa é uma visão monológica e imanente da língua, que a estuda segundo uma perspectiva formalista - que limita esse estudo ao funcionamento interno da língua - e que separa o homem no seu contexto social.

A terceira concepção é a Linguagem como forma de Interação Humana, nessa concepção acredita-se que a língua é o processo de um todo que envolve varias aspectos inclusive sociais, em que as pessoas têm papeis ativos e que o conhecimento é dividido e compartilhado ganhando diferentes vertentes dependendo do seu contexto.

(...) na prática viva da língua, a consciência linguística do locutor e do receptor nada tem a ver com o sistema abstrato de formas normativas, mas apenas com a linguagem no sentido de conjunto dos contextos possíveis de uso de cada forma particular. (BAKHTIN, 1997, p.95).

O autor ressalta bem como é importante o conjunto de fato sendo quase impossível essa dissociação de membros no todo, as diferentes interações constituem essa concepção o que torna mais complexa e peculiar.

É muito importante ao professor de língua portuguesa ter claras as concepções de linguagem, uma vez que elas interferem fortemente no material que irá utilizar na forma como os conteúdos serão abordados.

3.2 O Conceito de Erro: A fala e a Escrita e o Ensino da Língua Portuguesa

Não é de hoje que o estudo em torno da linguística é indispensável, sendo o Brasil um País tão diversificado e com tantas peculiaridades regionais, mesmo assim existe certo desconforto visto que muitos ainda tem a visão de que existe apenas uma língua “correta” dentro de todo o contexto. Bagno exemplifica muito bem quando fala a respeito do certo ou errado em língua portuguesa.

[...] ninguém comete erros ao falar a sua própria língua materna, assim como ninguém comete erros ao andar ou respirar. Só se erra naquilo que é aprendido, naquilo que constitui um saber secundário, obtido por meio de treinamento, prática e memorização [...]. (BAGNO, 2009, p.149).

O autor esclarece o fato de a identidade que cada um traz consigo, de que o ser humano não é uma folha em branco e sim um ser com bagagem e histórias e que essas bagagens e histórias são de fundamental importância em sua formação sim.

Segundo Marcos Bagno (2001, p. 36), “menosprezar, rebaixar, ridicularizar a língua ou a variedade da língua empregada por um ser humano equivale a menosprezá-lo, rebaixá-lo enquanto ser humano”. Isso se dá, principalmente, as pessoas mais carentes oriundas da zona rural na qual a cultura da fala tende a se diferenciar da urbana.

Tendo essa fala citada, é complicado prever como crianças e jovens podem chegar ao fim do ensino fundamental e, muitas vezes, ao fim do ensino médio, com certas dificuldades em construir textos mais complexos ou mesmo simples.

Os professores de português, por necessidades exigidas por nossa sociedade discriminatória, têm de explicitar a seus estudantes que certos usos variáveis são censurados em certas situações socioculturais [...] se o professor tiver uma boa formação linguística, especificamente sociolinguística, deverá demonstrar por exercícios o valor social das variantes, de um elemento variável no português do Brasil. (MATTOS; SILVA, 2006 p.282).

Infelizmente, a gramática obedecem algumas normas as quais são rigorosas, e a nossa língua é uma das mais complexas, pois além da nossa grande expansão tem normas severas, os professores tendem a seguir o parâmetro do que lhes é passado, a questão agora é como isso deve ser feito sem que afete, de forma negativa, o processo da aprendizagem.

Possenti (1996), enfatiza que o que são considerados erros na norma gramatical não pode caracterizar a formação ou o saber do indivíduo, dado que o erro do mesmo pode ser considerada uma variável linguística.

[...] os erros que condenamos só são erros se o critério de avaliação for externo à língua ou ao dialeto, ou seja, se o critério for social. Mas se adotássemos esse critério para todos os casos, deveríamos também concluir que são erros todos os modos diferentes de falar, mesmo os que são típicos de outras línguas. (POSSENTI, 1997, p. 30).

Segundo Marcos Bagno (2006), preconceito linguístico pode ser baseado no preconceito social, visto que a fala é analisada por meio da imagem de quem a pronuncia, são associações que constroem tudo, começa desde a imagem e se prende à pronúncia, consideravelmente pela fala ser parte integrante da identidade do indivíduo.

A sociedade nos coloca frente a uma situação em que pra que ela exista, os cidadãos respectivamente terão papéis a representar, isso acaba causando a tão falada

divisão social melhor dizendo sociocultural, a qual está enraizada a língua que se liga diretamente a fala e as suas peculiaridades.

[...] as variedades faladas pelos grupos de maior poder político e econômico passam a ser vistas como variedades mais bonitas e até mais corretas [...]. O dialeto (ou variedade regional) falado em uma região pobre pode vir a ser considerado um dialeto “ruim”, enquanto o dialeto falado em uma região rica e poderosa passa a ser visto como um “bom” dialeto. (BORTONI; RICARDO, 2004, p.34).

Perante a citação anterior refletimos a respeito de como essa divisão impulsiona de fora indireta certos padrões, afirmando que mesmo a fala usada nas regiões de menor poder aquisitivo ela não se torna “errada” do ponto de vista sociohistórico, pois ela assim foi apreendida, enquanto em outras regiões com poder aquisitivo elevado, o parâmetro é controlado pela mesma, é necessário o reconhecimento da importância e peso que isso traz quanto ao ser humano.

Bagno (2006) elucida, de forma bem didática e com base teórica, alguns mitos em torno de toda essa discussão que ocorre quanto ao tema e como as mídias sociais, de certa forma, apoiam e propagam esse tipo de atitude.

O preconceito linguístico fica bastante claro numa série de afirmações que já fazem parte da imagem (negativa) que o brasileiro tem de si mesmo e da língua falada por aqui. Outras afirmações são até bem-intencionadas, mas mesmo assim compõem uma espécie de “preconceito positivo”, que também se afasta da realidade. (BAGNO, 1999, p.13).

O autor destaca o quanto é arraigada a nossa cultura, tanto que muitas pessoas se deixam levar e tratam como normal, usa a falar de Darcy Ribeiro que elogia o Brasil por ser um país tão homogêneo, dada as culturas e dialetos.

É de assinalar que, apesar de feitos pela fusão de matrizes tão diferenciadas, os brasileiros são, hoje, um dos povos mais homogêneos linguisticamente e culturalmente também um dos mais integrados socialmente da Terra. Falam uma mesma língua sem dialetos. (RIBEIRO, 1995 apud BAGNO, 1999, p 15.).

Bagno ressalta o quanto isso é prejudicial no âmbito educacional, o não reconhecimento da diversidade linguística.

[...] a escola tenta impor sua norma linguística como se ela fosse, de fato, a língua comum de todos os 160 milhões de brasileiros, independentemente de sua idade, de sua origem geográfica, de sua situação econômica, de seu grau de escolarização etc.(BAGNO, 1999, p. 15).

A grande diversidade que ocorre no Brasil não incide apenas pela questão geográfica, mas também desigualdade social, sendo um país com distribuição de renda injusta, ocupando no ranking o 2º lugar em pior distribuição da mesma.

A partir daqui, vemos indivíduos que são considerados sem terra, sem língua, sem saúde e educação, sujeitos invisíveis perante a sociedade, mas até quando isso pode ocorrer? Por que tratar as outras linguagens como chacota ou até mesmo deboche? Seria vergonha ter uma cultura miscigenada?

Através de estudos, foi possível detectar que essas pessoas que advêm de uma cultura que não é padrão têm dificuldade de interpretar mensagens enviadas pelo poder público, em que a linguagem padrão reina.

O mesmo ainda se atenta ao dizer que existe na lei uma afirmação a qual defende a teoria de que perante ela todos os indivíduos são iguais, mas que a mesma lei foi redigida em uma língua que a menor parte da população faz uso, a contraditoriedade está presente em muitos momentos.

Assim, há a necessidade de certa desvinculação de entidades escolares e todas as outras desse padrão imposto inicialmente reconhecendo a verdadeira língua, melhor dizendo todas as línguas.

O reconhecimento da existência de muitas normas linguísticas diferentes é fundamental para que o ensino em nossas escolas seja consequente com o fato comprovado de que a norma linguística ensinada na sala de aula é, em muitas situações, uma verdadeira “língua estrangeira” para o aluno que chega à escola proveniente de ambientes sociais onde a norma linguística empregada no cotidiano é uma variedade de português não padrão.(BAGNO, 1999, p. 18).

Um dificultador, quando deveria ser uma continuidade, Bagno destaca que já existem algumas instituições que prezam por esse tipo de iniciativa trabalhando de forma continuada a variedade linguística.

Bortone (1993, p.2), em “Comunicação interdialeto: Um retrato de diversidades culturais” afirma que, através de entrevistas feitas com a própria comunidade, foi possível detectar inúmeras divergências, a dificuldade do entrevistador e entrevistado de comunicação chegava a ser gritante.

Os problemas de comunicação concentram-se em três grupos, a saber: divergências culturais- incompreensão de itens lexicais; discurso contextualizado-confronto com normas e expectativas que regulam as práticas discursivas do falante letrado; e estratégias discursivas- relações de interferências divergentes, critérios de relevância e diferenças de focalização. (BORTONE, 1993, p. 3).

A fala da autora deixa claro alguns dos principais itens em dificuldade, deixando ainda mais evidente o que foi dito anteriormente, visto que, sim, pode causar a defasagem no âmbito escolar.

Outro fato além do preconceito existente contra a fala de determinadas classes sociais, é o fato de ser muito comum o preconceito com os sotaques das regiões que como dito anteriormente as grandes mídias propagam, e acabam refletindo em toda sociedade, incluindo as crianças que vão para a escola e vão se deparar com essa realidade.

O problema começa quando as crianças começam a repetir o que veem nas telas, na vida real, visto que, na maioria das vezes, os personagens oriundos de regiões como nordeste, ou até mesmo do interior são tratados como cômicos, perante seria necessário um trabalho didatizador de desmitificação de um todo.

Bagno (2001) faz uma crítica em relação à rede Globo que trata, de forma grotesca, o gênero e outros indivíduos, dito da capital como São Paulo com uma linguagem culta, fora do normal pouco usada e muitos menos no nordeste, a maior parte dos papéis dados a esses são de empregada, motorista, cozinheira e afins.

A supervalorização do falar como se escreve ultrapassa a normalidade, deixando artificial e deixam de valorizar a bagagem e individualidade do indivíduo, ninguém na verdade vai falar tudo exatamente como se escreve.

O ensino tradicional da língua, no entanto quer que as pessoas falem sempre do mesmo modo como os grandes escritores escrevem as suas obras. A gramática tradicional despreza totalmente os fenômenos da língua oral, e quer impor a ferro e fogo a língua literária como a única manifestação linguística que merece ser estudada. (BAGNO, 1999, p. 56).

Diante dessas afirmações, fica mais claro que é um tema em crescente evolução e precisa, sim, de atenção. Apesar de alguns esforços, está cada vez mais presente e segue sendo influenciador de uma sociedade inteira que fica a mercê de uma condição que não deveria existir.

4. O PRECONCEITO LINGUÍSTICO NO CONTEXTO ESCOLAR: ATITUDES E POSTURAS DO PROFESSOR

As diferenças desde sempre causaram certa tensão, a postura negativa em relação ao outro por não ser exatamente aquilo que os estereótipos impõem, o preconceito linguístico é uma das linhas que fortemente acontece, nos mínimos detalhes e muitas vezes de forma disfarçada a brincadeiras.

Na escola, quando a criança sai do âmbito materno e se depara com novas personalidades é onde normalmente o “problema” surge. Diante do novo, o papel do professor é de suma importância, pois a criança se espelha nele e em suas atitudes, portanto trabalhar as diferenças em sala de aula se faz necessário.

“para que os professores compreendam (...) o seu papel de formar cidadãos capazes de usar a língua com flexibilidade de acordo com as exigências da vida e da sociedade. Isso só pode ser feito mediante a explicitação da realidade na sala de aula” (ZILLES apud FARACO; TEZZA, 2005, p.73).

O cotidiano e vivência do aluno é de fundamental importância para sua formação, tanto no desenvolvimento escolar e também para o desenvolvimento pessoal, o que traz consigo é parte dele. A língua passa por processos e está em constante transformação e evolução.

Para Bortoni (2004), todas as sentenças produzidas pelos falantes de uma língua são bem formadas independentemente de serem próprias da chamada língua-padrão e de outras variedades.

O individuo deve aprender a norma de prestígio, não para adaptar-se a sociedade, mas para lutar contra ela, para adquirir essa arma que os dominantes têm um instrumento de luta contra a discriminação social que permita ao individuo a participação política. (apud FARACO; TEZZA, 2005, p.69).

Para a construção de uma sociedade mais justa, digna e humana, tais princípios de valorização cultural se faz presente, e tolerância é algo de gente letrado sim, culto sim, que entenda que nosso País é rico, em diversidade, saberes e vocabulário.

O docente em primeiro lugar tem que incorporar essa ideia para que possa formar sujeitos seguros de que existem diferenças e que todas essas diferenças tem papel ativo na sociedade.

Antunes (2015) discorre que o papel do professor de língua portuguesa é levar o aluno a ter contato com a diversidade tanto oral quanto transcrita, gêneros e afins fazendo

com que o aluno tenha a percepção da linguagem e englobando no seu cotidiano e adequando as suas relações interpessoais.

A escola não pode garantir o uso da linguagem fora do seu espaço, mas deve garantir tal exercício de uso amplo no seu espaço, como forma de instrumentalizar o aluno para o seu desempenho social. Arma-lo para poder competir em situação de igualdade com aqueles que julgam ter o domínio da língua. (BRASIL, 2000, p.22).

O que ocorre muitas vezes é a confusão dos próprios professores não entenderem que a norma padrão deve ser ensinada, explicada, mas sem desmerecer a diversidade linguística assim como é reforçado no Parâmetro Curricular.

A verdade é que no Brasil, embora a língua falada pela grande maioria da população seja o português, esse português apresenta um alto grau de diversidade e de variabilidade, não por causa da grande extensão territorial do País que gera as diferenças regionais, bastante conhecidas e também vitimas algumas delas, de muito preconceito, mas principalmente por causa da trágica injustiça social que faz do Brasil o segundo País com a pior distribuição de renda em todo o mundo. (BAGNO, 2003 p. 16).

A construção de um plano de ensino embasada na teoria levando a realidade do aluno é de extrema importância, e isso pode parecer que já está esclarecido e até maçante, porém quanto mais se pesquisa e se aprofunda percebe-se que o assunto tem que ser levado em conta e debatido, embasado nos teóricos para que o currículo linguístico seja cada vez mais rico e valorizado.

A escola geralmente não reconhece a verdadeira diversidade do português falado no Brasil, impondo assim, sua linguística como se fosse de fato, a língua comum a todos os 160 milhões, de brasileiros independentemente de sua idade, de sua origem geográfica, de sua situação socioeconômica de grau de escolarização. (BAGNO, 1999, p. 15).

Generalizar o ensino apenas por idade e série nunca foi um dos melhores caminhos visto que, isso não define padrão de cada indivíduo, é perceptível que cada um tem o seu ritmo e interesses, o posicionamento do regente pode motivar ou não o aluno, isso é intrínseco já que a criança se espelha em quem está à frente.

O dialeto culto serve as intenções de ensino, no sentido de padronizar a língua, criando condições ideais de comunicação entre as várias áreas geográficas e também propiciando aos estudantes meios para a leitura e compreensão dos textos. (PRETI, 1982, p. 27).

A instrução da variedade linguística se fundamenta na gramática normativa, com intuito de nivelar diferenças sócio-culturais, criando condições cabíveis para que os textos e livros acadêmicos classificados na linguagem culta possam ser interpretados de forma concisa, esse fato não anula, de forma alguma, a necessidade do conhecimento regional de cada indivíduo e bagagem cultural familiar.

As políticas de língua, adotadas em um País, compete ao estado determinar o conjunto de regras que são oficializadas na nação para construir uma unidade na diversidade de variedades de usos nacionais. Com os fenômenos da globalização, tornou-se importante determinar as línguas mais faladas no planeta. A língua portuguesa é a sétima língua mais falada no mundo, todavia os países lusófonos não estão integrados por uma única política de língua. Nesse sentido Portugal, tomando a dianteira passou a se preocupar com uma política de unificação lusófona. Entre os países de língua portuguesa, o Brasil é o que mais esteve distanciado da política linguística portuguesa. As causas são históricas, pois, devido ao distanciamento geográfico e as mudanças causadas pelos períodos, Colônia, Império e República, o partido brasileiro passou a se sobressair em relação ao partido português, no território brasileiro. (ANTUNES, 2014, p. 13).

A língua oficial do Brasil é a língua portuguesa como já temos o conhecimento e pela divisão continental não existe um padrão na prática como foi imposto, a única língua uniforme é a dita culta a qual já discorreremos acerca da mesma, o português apresenta diversas facetas, modos e sentidos visto a dimensão do nosso País.

Mutável, acompanhando a evolução dos tempos, se adequando, considerada patrimônio histórico, riqueza inestimável através de onde é possível obter diversos saberes, a língua quanto mais exposta, pesquisada e conhecida mais conhecimento poderá transmitir como deve ser, enriquecendo o intelecto o social e psicológico.

As variações criam forças através dos próprios falantes que se tornam representantes ativos da mesma, a integralização nas escolas se faz presente nesse sentido visto que essas pessoas empoderadas entendem que sua língua e cultura têm vez, conhecendo e entendendo a diversidade.

Cabe à escola viabilizar o acesso do aluno ao universo dos textos que circulam socialmente, ensinar a produzi-los e a interpreta-los. Isso inclui os textos das diferentes disciplinas, com os quais o aluno se defronta sistematicamente no cotidiano escolar e, mesmo assim, não consegue manejar, pois não há um trabalho planejado com essa finalidade. (BRASIL, 1997, p. 30).

Considerar, comparar, viabilizar e valorizar o dialeto oral é uma forma de combater o preconceito linguístico, deixando de criar bloqueios nas pessoas, que talvez mais bem munidas de conhecimento possam ter acesso à cultura letrada.

5. METODOLOGIA

A metodologia aqui utilizada foi a de cunho bibliográfico com o objetivo de reunir informações e dados pertinentes para compor o trabalho a partir do tema que foi determinado.

Foram selecionados alguns autores de renome, e alguns artigos científicos para que o enfoque no assunto tivesse embasamento de qualidade. Para a construção do estado de arte, foi feita uma busca em livros físicos e virtuais, artigos e revistas.

A pesquisa bibliográfica procura explicar e discutir um tema com base em referências teóricas publicadas em livros, revistas, periódicos e outros. Busca também conhecer e analisar conteúdos científicos sobre determinado tema. (MARTINS, 2001)

Trentini (1999), ressalta que é a análise crítica, meticulosa e ampla das publicações correntes em uma determinada área de ensino e conhecimento, respaldando tudo o que se é pesquisado no período.

Esse tipo de pesquisa tem como finalidade colocar o pesquisador em contato direto com tudo o que foi escrito, dito ou filmado sobre determinado assunto (MARCONI e LAKATOS, 2007).

Os autores a cerca do que dizem sobre esse tipo de pesquisa esclarece a importância da mesma, não se trata apenas de atos repetitivos, mas proporciona o exame de um tema sob novo enfoque e abordagem, chegando a conclusões inovadoras.

Demo (2000), reforça dizendo que a ideia da pesquisa é de induzir o contato pessoal dos alunos com a teoria, por meio de leitura levando a interpretação própria.

Trentini e Paim (1999), afirmam que, a seleção criteriosa de uma revisão de literatura pertinente ao problema significa familiarizar-se com textos e, por eles reconhecer os autores e o que eles estudaram anteriormente, sobre o problema a ser estudado.

5.1 Análise e Discussão dos Dados Coletados

Diante de toda pesquisa foi possível constatar algumas suposições que tinha a cerca do tema, os autores confirmaram, desde o início, o problema do preconceito linguístico e como se deu, desde os primórdios, o processo de evolução da língua e como a norma culta padrão se comporta próxima às diversidades.

A partir de uma metodologia baseada no levantamento de dados bibliográficos referentes ao tema, que permitiu averiguar as variações linguísticas em vários aspectos e diferentes regiões do país.

Com base nos artigos e dados da literatura foram observados e considerados as principais diferenças regionais, e de que forma isso poderia prejudicar ou não o desenvolvimento do aluno e sua formação de caráter.

Bagno, Bakhtin, Bortone, Bortoni, Cavalcante, Fernandes, Koch, Mattos, Travaglia, Preti, Antunes, foram os autores que fundamentaram todo esse trabalho, pela suas teses foi possível fazer uma análise palpável para que essa pesquisa fosse fundamentada.

Bagno (2006), “É que, de todos os instrumentos de controle e coerção social, a linguagem talvez seja o mais complexo e sutil”, afirma. “Para construir uma sociedade tolerante com as diferenças é preciso exigir que as diversidades nos comportamentos linguísticos sejam respeitadas e valorizadas”, defende.

Em sua fala, o autor defende a diversidade e enaltece o fato do respeito entre todos, sabemos que para uma sociedade mais justa e humana é necessário não só compreender, mas sim ter empatia ao próximo, construindo pontes mais fortes entre os indivíduos, conseqüentemente melhorando a relação dentro das escolas.

A inferioridade causada pelos atos de quem acha que domina a fala padrão, só piora a situação, fazendo com que os mesmos se sintam intimidados, Bagno (2006) ainda afirma que o erro que tanto é discutido, na realidade não existe, existem apenas as variações da língua portuguesa como aquele falado no interior pelo caipira ou aquele falado por alguém que estudou e mora na capital.

O mais importante para Bagno (2006), é o contexto de quem diz o quê, a quem, como e visando que efeito. “O português deve ser ensinado da mesma forma que se ensina física ou biologia. Os professores sabem que muito do que eles dizem hoje pode ser reformulado ou negado amanhã”, acrescenta.

Ele ainda critica o ensino de algumas normas consideradas por ele já obsoletas. Para ele, os professores escolares devem se apegar menos às regras e mais a missão de ajudar os alunos a desenvolver sua capacidade de expressão e reflexão.

Bakhtin (2006), afirma, sem entrar no mérito da dominação, que pode se constatar os símbolos presentes na sociedade em seu íntimo e aí poderíamos citar como exemplo o pão e o vinho para os cristãos simbolizando a morte de Cristo, as armas simbolizando o exército ou uma mulher com uma venda e uma balança simbolizando a justiça. Esses símbolos per si nada dizem, mas utilizados pelo homem forma consciência, pois a ideologia surge no meio e dos signos, "da interação semiótica de um grupo social.

Analisando de forma clara apesar dos símbolos serem parte essencial do processo a fala ainda é a que mais se destaca, ela condiciona e tem poder sobre o ser humano, a palavra é a ideologia de cada um.

Bakhtin (2010), ainda diz que tudo é ideologia, somos cercados todos os dias por questões que no fundo têm motivações ideológicas e a palavra que é o fenômeno ideológico por excelência, mas essa comunicação pautada na ideologia se processa também no cotidiano sendo a palavra e a conversação uma constante, pois quando se interage se faz por meio de signos.

Bortoni (2005), acerca do assunto, diz que como a norma de prestígio, nesse caso, vale questionar: o que vem a ser norma de mais prestígio? Qual o porquê desse prestígio? Trazendo a reflexão envolta ao tema, a sociedade valoriza o uso da chamada norma culta, tanto o erudito quanto o trabalhador braçal todos admiram o "falar bem" dos que se comunicam mediante a variedade de prestígio do Português, cujas normas estão prescritas na gramática.

É interessante constatar que, nas sociedades modernas, os valores culturais associados à norma linguística de prestígio, considerada correta, apropriada e bela, são ainda mais arraigados e persistentes que outros de natureza ética, moral e estética (BORTONI-RICARDO, 2005, p. 13).

Nessa citação, fica explícito como para a nossa sociedade, é mais fácil aceitar a diversidade de valores éticos, morais e estéticos do que a diversidade dos usos linguísticos, o que deve ser desmistificado.

Bortoni (2005), aponta a uma análise prévia da comunidade de fala, em relação ao repertório verbal, ao que o aluno já tenha aprendido anteriormente no seu ambiente social. O professor estará se anulando de preconceitos e oportunizando o aluno a um maior interesse pela língua favorecendo assim o processo de aprendizagem. Não é

possível substituir a linguagem e a cultura dos alunos de classes populares pela cultura dos de classe dominante, a cultura elitizada. É necessário, portanto, que os primeiros tenham acesso à língua de prestígio por uma questão de ascensão social.

Faraco (2008), diz que há razões históricas para os brasileiros saírem da escola sem saber interpretar textos e com extrema dificuldade para comunicar-se fora das situações a que estão acostumados. No recente História sociopolítica da língua portuguesa (Parábola, 2016), Faraco defende que isso acontece porque a escola brasileira ensina mal quando reproduz vícios e mitos históricos sobre o idioma.

O linguista trata dos fatos marcantes na história do idioma no Brasil e seu alcance em outros países. Mas seu horizonte não é tanto o ensino ou o significado da lusofonia, mas o minucioso entendimento de como as condições sociais de cada momento histórico ajudaram a consolidar perspectivas e preconceitos de linguagem ainda hoje vigentes no país.

A obra mostra, por exemplo, como foi construída a supremacia do português sobre os nossos idiomas nativos. Faraco (2010), ressalta o papel dos escravos na disseminação da língua por todo o país e avalia o impacto da transmissão irregular e da desigualdade social na polarização linguística que hoje domina o país.

A diversidade linguística relaciona-se fortemente com o preconceito linguístico quando se trata de nossa região. O desenvolvimento de estudos em nosso território é fundamental e implicará nas possíveis soluções de problemáticas surgidas de acordo com cada especificidade social apresentada. É preciso tempo e dedicação para desvendar todos estes paradigmas presenciados. Não esquecendo que já existem estudiosos que se dedicam a esta temática, fazendo valer a grande importância e valor que possui uma pesquisa deste tipo de abordagem, mostrando que as línguas minoritárias de um grupo indígena têm seu valor menor em relação à língua portuguesa.

Que cada língua falada por um indivíduo tem um mesmo valor, não havendo elementos ou características de inferioridade de uma língua em relação à outra. O valor cultural encontrado nessas línguas faz-se importantíssimo para obtermos respaldo e conhecimento sobre uma nova língua.

Por fim, a temática aqui trabalhada abre um leque de diferentes direcionamentos de estudos linguísticos importantes e nos leva a crer que devemos obter um conhecimento maior e mais próximo das línguas presentes em nosso meio, não desvinculando os hábitos culturais distintos de uma comunidade, sabendo que cultura de um povo e sua língua são fatores indissociáveis neste campo de estudo.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

É de conhecimento que a diversidade sempre esteve presente desde a formação da sociedade. Não sendo diferente no espaço escolar, que é um local de conhecimento do mundo, sendo o primeiro local de conexões e da vida em sociedade.

Considerar a língua como algo positivo no ambiente escolar ainda é uma perspectiva que precisa ser conhecida e encarada pelos profissionais do âmbito educacional o para que o ensino retrógrado possa ser transformado fazendo dos alunos seres capazes de ler, compreender, interpretar, não diminuindo ou rebaixando a comunicação que lhe foi dada em berço.

É possível dizer que, o preconceito linguístico é fruto da intolerância da minoria do povo brasileiro, a maioria do povo brasileiro são as pessoas que fazem parte do português não padrão. Entretanto nas escolas, onde não poderia existir o preconceito, ainda acontece.

Para a linguística nenhuma língua é inferior ou primitiva, já que falar diferente não é considerado falar errado, e o que para muitos é considerado erro, existe uma explicação científica (linguística, histórica, sociológica e/ou psicológica). As línguas são heranças históricas que passam de geração em geração. As variações da língua são relacionadas a vários fatores como: a faixa etária, grau de escolaridade, status socioeconômico, cultural, entre outros.

Se faz necessário ensinar mostrando diante de todas as exigências que as ciências evoluem, assim como a ciência da linguagem também, dessa forma conseguiremos ensinar bem e para o bem, formando que entendam e tenham respeito diferenças, principalmente a vasta variedade linguística de nosso país.

Atualmente principalmente nas universidades, a desmistificação da problematização preconceito linguístico onde futuros professores passam, aderem ou aderiram a essa perspectiva concordando com a diversidade da cultura e da língua brasileira.

Portanto, conclui-se até o momento em que essa pesquisa esteve em andamento que após muitas pesquisas, artigos, livros referentes ao estudo da sociolinguística, têm desempenhado um papel fundamental para o entendimento da língua e como trabalhar nas escolas.

Assim espera-se que indivíduos saindo com novas ideias, formação de diversidade, tendo novos conceitos de como trabalhar a língua portuguesa, possam quebrar esse

paradigma de que só aprendendo ou decorando a gramática da norma padrão é que seremos seres capazes de dominar e administrar a nossa língua materna.

Enquanto o saber diverso não for disseminado a ignorância verbal irá permanecer, a ignorância aqui se trata da falta de conhecimento das riquezas que nosso País nos oferta, da historicidade arraigada por traz da tratada simples língua.

REFERÊNCIAS

Alberto; TEZZA, Cristovão. *Prática de Texto para Estudantes Universitários*. 13ª ed. Petrópolis: Vozes 2005.

ANTUNES, C. C. *As primeiras manifestações linguísticas da língua portuguesa: políticas de língua nacionais*. In.:SALEM, Khalil (org.). *Linguagens em mosaico: da teoria linguística ao prisma literário*, 2012.

BAGNO, Marcos. *Preconceito Linguístico: o que é e como se faz*. 49. Ed. São Paulo: Loyola. 1999.

BAKHTIN, M. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 8. ed. Hucitec: São Paulo, 1997.

BORTONI; RICARDO, Stella, Maris. *Nós chegemu na escola, agora?* Sociolinguística na sala de aula. São Paulo: Parábola editorial, 2005.

CAVALCANTE, Kárittha; SOUZA, Bruno. *Reflexão a respeito da linguagem e a sociedade: a sociolinguística na sala de aula*.

DEMO, P. *Pesquisa: Princípios Científicos e Educativos*. 7ª edição, São Paulo: Cortez, 2000.

KOCH, I. G. V. *A inter-ação pela linguagem*. São Paulo: Contexto, 1992.

MARCONI, M.A. & LAKATOS, E.M. *Técnicas de Pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragem e técnicas de pesquisas, elaboração, análise e interpretação de dados*. 6ª edição, São Paulo: Atlas, 2007.

MARTINS, G.A. & PINTO R.L. *Manual para elaboração de Trabalhos Acadêmicos*. São Paulo: Atlas, 2001.

MATTOS; SILVA, R. V. *Tradição gramatical e gramática tradicional*. São Paulo: Contexto, 1989.

Preconceito Linguístico. Disponível em <<https://www.todamateria.com.br/preconceito-linguistico/>> Acessado em: 04 de dez. 2017

Preconceito Linguístico: Sociedade, Escola e o Ensino de Português. Disponível em <<http://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/bitstream/123456789/1503/1/PDF%20%20Itamara%20Jamilly%20Cavalcante%20Rique.pdf>> . Acessado em: 21 de jun. 2019

PRETI, Dino. *Sociolinguística: os níveis da fala* – um estudo sociolinguístico do diálogo na literatura brasileira. 4 ed. rev. e modificada, com a reelaboração de vários capítulos. São Paulo. Nacional, 1982.

TRAVAGLIA, L. C. *Gramática e Interação: uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º graus*. São Paulo: Cortez, 1997.

ANEXOS